



# **SOBRAL-CE: OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM UMA CIDADE MÉDIA DO NORDESTE BRASILEIRO**

---

**Virginia Célia Cavalcante Holanda**

*Universidade Estadual Vale do Acaraú*

## **Resumo**

A reflexão se detém ao atual período histórico, compreendido aqui como período técnico-científico-informacional. Sem perder de vista a totalidade, o recorte espacial constitui-se da cidade de Sobral situada noroeste do estado do Ceará, cuja formação data do início do século XVIII, ocupando desde então lugar de destaque na rede urbana cearense, nos aspectos político, cultural e econômico, revelando-se, no presente, em *espaço seletivo* no Nordeste Brasileiro. A base da empiria sendo pensada através das características e articulações dos dois circuitos da economia urbana usualmente conhecidos como; formal e informal (Silveira, 2005), ao chamar atenção para o estrondoso crescimento dos circuitos da economia urbana, analisa os mesmos, como estando ligados ao crescimento urbano-populacional, que impulsiona a dinâmica de consumo de mercadoria e a procura por serviços.

**Palavras-Chave:** Sobral; Cidade Média; Seletividades Espaciais. Circuito Inferior.

## **Abstract**

The reflection focuses the current historical period, understood here as a technical-scientific-informational period. Without losing sight of the whole, the spatial cutout constitutes of the city of Sobral located northwest of the state of Ceará, whose formation dates from the early eighteenth century, and occupying since come a prominent place in urban network of Ceará, in political cultural and economic aspects, revealing itself, at present in selective space in Northeast Brazil. The empirical basis is being considered through characteristics and joints of the two circuits of the urban economy as commonly known, formal and informal (Silveira, 2005), drawing attention to the phenomenal growth of circuits of urban economy, analyzes them, as linked to urban-population growth that drives the dynamics of consumer demand for goods and services.

**Keywords:** Sobral; Medium City; Spatial Selectivities. Lower Circuit.

## **INTRODUÇÃO**

O presente texto aborda uma análise do circuito inferior em Sobral uma cidade média localizada na parte noroeste do sertão cearense, uma cidade que abriga pouco mais de 170.000. Para compreensão das dinâmicas contemporâneas da

economia urbana de Sobral buscamos levantamento de dados secundários e primários e uma leitura dos mesmos ancorado nos estudos do eminente geógrafo Milton Santos em suas contribuições para a compreensão da economia urbana dos países periféricos. Nas clássicas obras: *O espaço dividido*, (1979, 2004); *Urbanização Desigual*, (1982); *Economia Espacial*, (2003), o professor apresenta a elaboração do par de conceitos, *circuito superior e circuito inferior*. Nesses livros são preciosas as pistas que revelam as relações entre o circuito superior racional das empresas e o circuito inferior baseado na luta pela sobrevivência. Resguardadas as diferenças, ambos resultam da Modernização sem precedentes e lidam com ela de formas distintas;

Porque assim como, no conjunto de um país, a oposição, mesmo o antagonismo, de situações de desenvolvimento é o produto de uma só e mesma articulação causal, a existência de dois circuitos na economia urbana das cidades é o resultado do mesmo grupo de fatores, que, para simplificar, denominaremos de modernização tecnológica. (SANTOS, 1979, p. 94)

Os estudos da chamada terceirização têm sido focados em alguns trabalhos de forma fragmentada, onde o peso do circuito inferior aparece nos interstícios da formalidade e sua existência como informal enquanto camada negativa, a não-forma, que impede a observação positiva da experiência urbana e o respeito à complexidade do mundo pobre. Sua prática é, na maioria das vezes, vista apenas no centro das grandes cidades e com enfoque econômico e quase sempre a-espacial, perdendo de vista também o estudo do urbano em sua totalidade.

As modernizações desprezam as solidariedades entre objetos técnicos novos e os mais antigos, sendo esses objetos contemporâneos possuidores de um atributo faltante em períodos precedentes; são flexíveis, divisíveis, dóceis (Gaudin, 1978; Santos, 1996, 2000). Ao mesmo tempo que segregam, juntam, pois muitos objetos técnicos permitem, por exemplo, que, com poucos instrumentos e num pequeno local, se fabriquem determinados produtos ou se organizem em torno de alguns serviços que circulam facilmente.

### **Os entrelaçamentos dos circuitos da economia urbana**

Enquanto o circuito inferior emerge nos lugares, não sendo transferidos no plano da especulação, se compo do trabalho intensivo, pela criatividade, pela ausência de capital de giro, pela falta de ajuda de programas governamentais, o crédito se sustenta pelas relações de confiança, não na força da burocracia. O circuito superior moderno é caracterizado pelo uso de novas tecnologias, crédito bancário e grande margem de lucro, se fazendo cada vez mais forte, em todos os lugares.

Esse mecanismo, responsável pela manutenção da pobreza tanto nos pólos como na periferia, é o mesmo que explica a existência do circuito inferior em toda parte, da rede urbana. Pobreza e circuito inferior são sinônimos. (SANTOS, 1979, p. 371)

Temos uma economia urbana onde o circuito superior moderno pode ter, em certas mercadorias, uma abrangência em nível de país e não do espaço imediato e um circuito inferior que, através de suas ações mais flexíveis de adaptação, assume um papel de distribuição de mercadorias de magnitude tradicional e/ou moderna.

Na cidade propriamente dita, existem, por um lado, um circuito inferior permanente, correspondente às transações diárias e à escala urbana, e, por outro lado, um circuito inferior cujo tamanho varia de acordo com o tamanho da cidade e de sua área de influência. Na metrópole existe um circuito inferior regularmente ampliado e inflamado. (...) não tem condições de manter relações com outras cidades do sistema, apesar do seu volume – que necessariamente se liga a existência de uma grande população pobre- desproporcional em comparação com o circuito inferior de cidades menores. (SANTOS, 1973, p. 133)

Nos estudos de (Andrade, 1980), o fenômeno de terceirização é algo visto como mundial, mas, nos países periféricos, se resguardam particularidades em sua organização que merecem estudos mais aprofundados, principalmente pelo seu conteúdo espacial. (Silveira, 2005), ao chamar atenção para o estrondoso crescimento dos circuitos da economia urbana, analisa os mesmos, como estando ligados ao crescimento urbano-populacional, que impulsiona a dinâmica de consumo de mercadoria e a procura por serviços. A referida geógrafa pesquisa o circuito inferior na cidade de São Paulo, discute a necessidade de entender os sistemas de ações ou, de outro modo, um convite para olhar a cidade como um conjunto, solitário e contraditório, de divisões de trabalho:

A cidade não é apenas o reino das grandes corporações e dos grandes bancos, o reino do circuito superior, mas também o lugar do trabalho não-especializado, das produções e serviços banais, das ações ligadas aos consumos populares – aquelas necessidades criadas pelo nosso tempo, mas cuja resposta não é dada a todos pela economia hegemônica. (Silveira, 2005, p. 60)

Para Santos (2003), é relevante discutir como ocorre a cooptação do estado pelas firmas, pois, é nessa prática que se intensificam a modernização e a ampliação do circuito superior da economia, ocorrendo um verdadeiro abandono dos pobres. São emblemáticos os casos estudados nas grandes metrópoles do terceiro mundo<sup>1</sup>, porém, esse abandono se espalha por todas as cidades, independentemente da escala.

A procura pela hegemonização das cidades, antes apenas simbólica e ideológica, agora se viabiliza materialmente, saindo do nível da psicosfera e entrando na tecnoesfera, apresentando-se no plano territorial. A exasperação da competitividade, no circuito superior, tem como consequência mudanças nas atividades econômicas, com intenso reatamento na organização do espaço das cidades<sup>2</sup>.

Nas cidades do interior do Nordeste brasileiro, contrariando as expectativas do próprio poder público, a força do pobre renasce hoje mais do que no passado, nas atividades ligadas ao circuito inferior. O Nordeste, viveu mais do que a Região Concentrada, uma industrialização incompleta, com reflexos ainda mais cruéis, pois tem um acúmulo de dívida social ainda maior, provocando a necessidade constante inventivas de sobrevivência.

O aumento das aglomerações urbanas não cabe dentro das poucas possibilidades de emprego, visto que não podemos esquecer das constantes inovações tecnológicas e do tipo de empresa que usa o território dessas cidades, perfil da mão-de-obra requerida, relação das empresas reticulares com as empresas territórios<sup>3</sup>.

Nas cidades dos países centrais, o crescimento dos serviços, na maioria das vezes, está associado a uma sincronia com a demanda social, onde a legalidade do emprego é algo mais simples, sendo quase que inexpressivo o segmento ligado ao circuito inferior da economia urbana. Nos países periféricos, a expansão dos serviços e o aumento do circuito inferior, estão diretamente ligados às formas de sobrevivência.

A economista (Helena Dweck, 2000), ao traçar um quadro do setor de serviços no Brasil, liga esse atraso ao modelo de desenvolvimento concentrador assimilado pelos governantes brasileiros. Sendo assim, a multiplicação desse setor está diametralmente ligada à ineficácia de uma política agrária capaz de gerar uma justiça social no campo e a incapacidade de geração de novos postos de trabalhos formais;

---

<sup>1</sup> Ver estudos de (Silveira 2005) para a cidade de São Paulo, estudos coordenados pelo Professor Milton Santos para as cidades de Caracas e Lima, (1979) entre outros.

<sup>2</sup> Na atualidade assistimos a construção rápida de Plano Diretor de Desenvolvimento, (PDDU), urbanização de favelas, embelezamento das cidades, entre outras práticas, visando o disciplinamento do uso da cidade.

<sup>3</sup> Sendo a empresa reticular dotada de possibilidade de uso de extensas e modernas redes, compondo um expressivo espaço de circulação, e as empresas territórios emergindo dos próprios espaços onde estão inseridas.

Nessa perspectiva, grande parcela das atividades tradicionais de serviços seria a única possibilidade de ocupação de amplos setores da população, portadores de baixa qualificação, significando conseqüentemente, subemprego e exclusão social. O setor serviços assume, assim, uma função de colchão amortecedor, muitas de suas atividades servindo como refúgio dos desempregados da reestruturação industrial (DWECK et al, 1992: p. 446)

Muito embora o território brasileiro tenha uma tradição de macrocefalia urbana, onde as capitais concentram sozinhas quase trinta por cento da população do País, constatamos um crescimento demográfico de muitas cidades a experimentarem um dinamismo econômico. Essas cidades passam a desfrutar de novos espaços de consumo como centros comerciais fora da área central, sinal de uma dispersão comercial ou de seletividades derivadas, tanto no que consiste ao circuito superior como o inferior. O centro se torna o local preferido dos serviços bancários, cartórios, escritórios de contabilidade, laboratórios, instituições públicas e outros.

É inegável que muitas cidades intermediárias tenham, hoje, um incontestável peso demográfico, no conjunto do urbano, proporcionado pelos mecanismos do sistema flexível que visa à descentralização de muitas atividades, tanto da produção industrial propriamente dita como da circulação e consumo. Mas existem outras cidades sem tanto peso demográfico que passam por crescente ampliação do seu caráter urbano e de sua vida urbana.

As empresas que chegam a algumas cidades do Nordeste e que compõem parte do circuito superior são, sobretudo, dos setores têxteis e de calçados, o que já se apresenta como especificidade nesse processo, fazendo parte do circuito superior no Nordeste e, para a região concentrada pertenceriam ao circuito superior marginal.<sup>4</sup>

Os governos, através da psicoesfera, acreditam ou querem acreditar que são essas modernizações sinônimos de “progresso”, portanto, devem criar grandes fixos para viabilizar os fluxos, da forma mais eficiente possível, só assim sairão ganhando na *guerra dos lugares*. (Santos, 2000). A racionalidade econômica vai se impondo a esses espaços, com todo rigor e padrão de eficiência exigidos pelas forças produtivas, graças à expansão do meio técnico científico informacional, as questões locacionais são superadas, as rugosidades passando a coexistirem ou, simplesmente desaparecerem.

---

<sup>4</sup> As Indústrias têxteis e de calçados não têm para a Região Concentrada peso e dinamismo econômico que as insiram como empresas modernas, aspectos que caracterizam o circuito superior moderno nessa região.

O mundo oferece as possibilidades e o lugar oferece as ocasiões. Não se trata aqui de um exército de reserva de lugares, senão da produção raciocinada de um espaço, no qual cada fração do território é chamada a revestir características específicas em função dos atores hegemônicos, cuja eficácia depende doravante de uma produtividade espacial, fruto de um ordenamento intencional e específico. (SANTOS, 1994, p. 50)

A produção de mercadoria ocorre de forma estandardizada com um consumo globalizado. Associada ao mundo moderno, forma-se uma verdadeira simbiose entre produção e consumo, exigência do circuito superior moderno. Porém, esses fenômenos, aliados ao aumento das trocas intersetoriais, ocasionam a ampliação do circuito superior marginal e do circuito inferior de forma jamais vista: “a urbanização acelerada segue a modernização acelerada, e essa não se realiza sem o empobrecimento relativo das massas, sobretudo nas periferias” (Santos, 1979, p.316).

No Brasil, apresenta-se uma dispersão com concentração, passando pelo aumento da competitividade entre empresas. Essas passam a operar em diferentes escalas. Com a multiplicação dos grandes objetos técnicos espalhados pelo território, como o sistema de transportes e de comunicações, as empresas têm agora uma gama de lugares disponíveis, com custos barateados quando comparados aos das áreas metropolitanas. Mas o seu centro de gestão está localizado fora dessas unidades de produção.

Mas o significado da constante expansão, no uso do território brasileiro, não reside apenas, na variável industrial. Por isso reconhecemos a importância dos dois circuitos da economia urbana, envolvendo então a variável consumo, assim como os aspectos do ritmo imposto pela modernização. A coexistência do circuito superior moderno - que chega juntamente com um circuito superior marginal existente, que se bifurca em superior marginal residual e superior marginal emergente – com a multiplicação de um circuito inferior, oferecem suporte para a compreensão da natureza dessas cidades, no presente.

El crecimiento de un circuito superior marginal residual se da por la incapacidad de modernizarse al ritmo impuesto por la época. Pero, paralelamente, la normalización, la relevancia y precedencia del trabajo intelectual, el carácter científico de las actividades y la expansión de los consumos son pilares del crecimiento de un circuito superior marginal emergente. Por eso, este circuito podría ser visto como un laboratorio de la sustitución de una división territorial del trabajo por otra. La decadencia y emergencia de profesiones y

empresas vinculadas a las formas hegemónicas de hacer y de mandar alcanzan directamente el circuito superior marginal. Mientras ciertos saberes se desvalorizan, otros surgen. (Silveira, 2004, p. 8)

Em Sobral, essas ações apresentam, hoje, aspectos de justaposição de horizontalidades e verticalidades se metamorfoseando. Ao estabelecer laços de solidariedade com seus vizinhos, a cidade reforça a existência do espaço de todos, todo o espaço, o “*espaço banal*” (F. Perroux)<sup>5</sup>. A solidariedade, como expressão da coexistência, ela mesma criando subespaços, apesar das redes que se formam com as verticalidades. Essas práticas reforçam o seu papel dentro do sistema de cidades cearenses, atraindo novos investimentos, passando por um processo de urbanização significativo, com transformações na sua forma de produzir e consumir. Contudo, no seu território, os novos objetos convivem com as rugosidades, suas transformações não escapam àquelas vividas na formação socioespacial brasileira, devido ao processo de modernização.

Nesse contexto analisamos as intencionalidades dos sistemas normativos e de ações que resultam na construção de um amplo sistema de objetos no território, que ao mesmo tempo em que proporcionam a dinâmica da fluidez requerida pelas empresas, faz explodir as mais diversas formas de sobrevivência, com novas desigualdades.

### **A Coexistência dos Circuitos da Economia Urbana e suas Territorializações em Sobral-CE**

Entendemos que tanto o circuito superior marginal emergente quanto o residual (Silveira, 2004, *passim.*) podem fornecer bens e serviços intermediários para dinamizar o circuito superior moderno, e/ou atender às “faixas de mercado e áreas geográficas onde as empresas do circuito superior moderno não querem ou não podem operar” (Santos, 1994, p. 97). Dessa forma, Sobral como outras cidades médias do Nordeste brasileiro, têm em termos quantitativos apenas uma fração pequena da sociedade com condições de buscar serviços mais especializados e consumo mais sofisticados, sendo essas necessidades atendidas pelo circuito superior marginal.

Mesmo que essa demanda seja originada muitas vezes pelos produtos que nascem no seio do circuito superior moderno, é suprida pelo circuito superior

---

<sup>5</sup> Originalmente o conceito de espaço banal aparece nos estudos de François Perroux (1961). Como economista, o autor reconhece a existência do espaço na Geografia como diferente do espaço na Economia; para a primeira, existiria um *espaço banal* que abrigaria toda a vida coletiva e não somente os fluxos econômicos, já que, para a Economia, o olhar para o espaço diz respeito àquele produzido pelos agentes hegemônicos. O conceito de espaço banal foi importante para a compreensão das horizontalidades e verticalidades nos estudos do prof. Milton Santos.

marginal para essa classe mais elitizada, pois o circuito superior moderno se volta quase sempre ao mercado externo ou para pontos extremamente luminosos do território nacional.

Em cidades como Sobral, quando se aporta investimento com aspectos de circuito superior moderno, é quase sempre descolado do restante do território. Hoje em Sobral, ao lado do circuito superior marginal mais do que no pretérito, há a presença do circuito inferior, para atender às necessidades da classe pobre, necessidades essas quase sempre gestadas em outro segmento social, é o que (Santos, 1980, p. 25) chama de “efeito demonstração”. Sendo emblemáticos no presente em relação ao comércio de; DVDs, CDs, roupas, bolsas, carteiras, bijuterias, relógios, entre outros;

Essa realidade de consumo, que se manifesta em Sobral, não difere do restante do Brasil, onde há um claro reforço para o pobre consumir da mesma maneira que o rico, onde as diferenças gritantes de renda leva o primeiro a se contentar com os “*genéricos*” oferecidos pelo circuito inferior, sendo importante salientar que esse circuito também vende produtos originais, cujos valores são menores não apenas por questões tributárias, mas por visarem à rapidez da venda e o cumprimento no pagamento do produto.

Os novos hábitos de consumo têm se tornado comuns aos habitantes das cidades brasileiras independentes da escala, amparadas por fatores, tais como: a força da mídia; o acesso ao crédito; o papel desempenhado pelo poder público na atração de novos investimentos para essas cidades; a migração etc.; É nesse contexto que em Sobral se apresentam as formas inventivas de convivência entre as atividades mais sofisticadas no que tange ao grau de tecnologia, uso intensivo de capital, mão-de-obra especializada e as atividades menos modernas detentoras de mais criatividade, com pouco capital e muito trabalho.

Em Sobral, a expressão do comércio tradicionalmente esteve ligado à produção agrícola, perfil adquirido pelo modo como se processou a ocupação. Essa atividade advinha das feiras que davam apoio ao transporte do rebanho para as oficinas de salga. Os artigos se diversificavam de acordo com as rotas, predominando gêneros agrícolas e a carne seca (Rocha, 2003, *passim*).

As feiras se territorializavam nas praças e no entorno surgiram as pequenas vendas fixas, dando a Sobral característica de centro comercial de uma vasta área no norte cearense. A comercialização do algodão e do beneficiamento da palha brotada da Carnaúba foram importantes para inserir Sobral nos circuitos do comércio internacional na segunda metade do século XIX.

Confirma-se ainda a sua relevância econômica, em escala regional, através da produção de óleos vegetais, couro, charque. A exportação de muitos desses produtos era realizada via porto de Camocim-CE. Inicialmente pelas mulas, se chegava ao porto e, no século XIX, pela ferrovia. A cidade vai abrigando um comércio cada vez mais denso, a ponto de extrapolar até mesmo a importância de Fortaleza.



Nas primeiras décadas do século XX, Sobral perde paulatinamente seu destaque econômico, devido às secas que assolaram o Nordeste, a existência de oligarquias locais, com visão restrita de futuro, sem disposição para investir em atividades mais condizentes com o momento e pelas crescentes funcionalidades dadas a Fortaleza agora com *status* de capital. Fortaleza passa a comandar uma área mais abrangente, contando com a expansão da malha viária, concentração de investimentos produtivos, edificação de novas materialidades construídas através das frentes de serviços.

A retomada de investimento em Sobral vai ocorrer apenas na década de 1960 com as ações da Sudene, mas sem grandes transformações no que consiste à dinâmica dos circuitos da economia. Somente na segunda metade da década de 1990, é que, de fato, as mutações no quadro de investimento acontecem, ligados ao nexo de crescimento não somente nas cidades das regiões metropolitanas.

No contexto da intensificação da globalização, amparada pelo meio técnico científico informacional, Sobral passa a abrigar novos objetos, com “modernas” lógicas que se impõem ao uso do território, no novo comportamento da circulação e do consumo.

Assim, o acirramento da competição aliado a outros fatores, tem sido determinante nas transformações do cenário econômico com intensos rebatimentos no espaço urbano da cidade. A distribuição do comércio pelo território passa por modificações. Em 1996, 84,54% dos comércios registrados estavam no bairro do Centro; em 2010, 72,79%, ou seja, embora os registros do comércio do Centro sejam crescentes, a busca pelos espaços dos bairros é também representativa, dentro das duas gestões seguidas do Prefeito Cid Ferreira Gomes, iniciada em 1997.

Como os dados disponíveis são dos estabelecimentos registrados, é possível que haja muitos comércios antigos que tenham buscado sua legalização apenas nos anos recentes em decorrência da rigidez das normas fiscais implementadas pelo poder público municipal depois de 1997. Mesmo assim, os bairros além trilhos aparecem abrigando, mais que no passado, atividades comerciais e de serviços, a exemplo do Campo dos Velhos, Junco e Sinhá Sabóia que juntos abrigam 15% do total de estabelecimentos comerciais registrados em 2010. Os dois primeiros constituem novo espaço de moradia da população com renda mais elevada e o último com forte expansão de casas populares, junto a conjuntos habitacionais mais antigos.

A empresa Grendene foi um dos elementos que proporcionou uma renda até então inexistente na região. A entrada desse capital foi significativa para o incremento e aumento do comércio e dos serviços. A ampliação do número de pessoas com renda fixa foi acompanhada de uma modernização na forma de consumir, seguindo a tendência do consumo nacional.

Se inicialmente o papel de destaque comercial de Sobral, na sua região, era favorecido pela sua localização geográfica, hoje estão presentes, motivações

como; força da diversidade dos produtos oferecidos, facilidades de pagamento, concorrência da oferta, diversidade na qualidade do produto, entre outros.;

No presente, a configuração comercial de Sobral não resguarda tanto a ligação com a atividade agrícola, apresentando uma diversidade de produtos. Numa visita ao mercado central e no seu entorno, encontramos de tudo: utensílios domésticos, secos e molhados, roupas, brinquedos, material básico para construção, frutas, verduras etc.;

O comércio mais complexo também se diversifica e se amplia sobre o espaço urbano de Sobral, com a comercialização de eletrodomésticos, diferentes ramos de varejo, lojas sofisticadas de roupas, perfumes, celulares, lanchonetes, restaurantes, entre outros. Para o período que compreende 1997 a 2010, o ano de 2005 aparece como o de maior incidência de registro de comércio distribuído pelo espaço urbano de Sobral. Permanecendo o Centro com seu destaque, ele detém cerca de 2.522 atividades econômicas registradas, dessas; 62,68% sendo atividade comercial, 33,34% serviços e 3,9% de atividade industrial.

Em termos quantitativos, o comércio se sobressai, principalmente nas vendas realizadas diretas ao consumidor. Esses estabelecimentos têm reconhecida predominância de produtos de gêneros alimentícios, algo em torno de 44,88% do total. Em segundo lugar, vestuário, artefatos de tecidos e calçados com 24,37%. Os estabelecimentos de veículos, peças e acessórios, ao lado de material de construção, somados estão em torno de 30,70%.

No comércio atacadista, o destaque fica por conta da venda de tecidos, chapéus de palha, estivas e miudezas. Seu mercado consumidor é formado principalmente pelos municípios de sua microrregião. A mobilidade é realizada pelas *Vans*, *Kombis*, *Topiques* entre outros automóveis, que chegam a Sobral todas as manhãs, intensificando os fluxos nas apertadas ruas do centro, área de maior concentração de comércio atacadista. Os passageiros apresentam necessidades distintas, muitos são pequenos comerciantes que vêm se abastecer em Sobral. Conforme a Câmara de Dirigente Lojistas (CDL), cerca de quarenta por cento das vendas do comércio seria proveniente dessa circulação. (Jornal O NOROESTE, *on line*. 15/2/2007)

Quando analisado o comércio atacadista e varejista, no que se refere ao ramo de peças e acessórios para veículos automotores, identificamos um crescimento significativo no ano de 2004, nos bairros fora da área do Centro. Sendo 145 estabelecimentos registrados, desses, 75,86% estão no Centro, não esquecendo que Sobral é grande consumidor de veículos automotores, o que leva também ao surgimento, nos últimos dez anos, de postos de combustíveis. Em 1995, tínhamos apenas três postos registrados e, em 2006, totalizam 32, 62,5% a maioria estão fora do Centro da cidade, a mesma lógica de localização das concessionárias de veículos. O comércio de peças e acessórios para bicicleta tem crescido também fora do Centro.

Constatamos que o comércio central aparece com territorializações historicamente definidas, resguardando de forma nítida os vasos comunicantes dos circuitos da

economia urbana, muito embora, a partir de 1996 o disciplinamento tenha sido recorrente no que consiste às normas de uso da cidade.

Quando buscamos as atividades comerciais com características mais modernas, fora do centro da cidade, identificamos os supermercados como um desses empreendimentos. Eles têm se apresentado como um dos ramos que mais vem modificando a paisagem urbana de Sobral, posto que criam uma estrutura de centro comercial denominados de *open mall*. “Acompanham” e dinamizam o espraiamento da cidade, no seu sentido norte e oeste em direção à Serra da Meruoca.

Essa escolha parece estratégica e por isso chama atenção. Assim como Sobral, outros pontos são selecionados no território cearense por parte desses empreendedores atingem mercados das cidades pequenas e as que estão no seu entorno. Essa busca por novos territórios se configura como fenômeno recente no Ceará, são empreendimentos pertencentes às redes que até então só funcionavam em Fortaleza, capital do estado.

Mas esses investidores acertam em cheio, a demanda por alimentos não pára de crescer e a oferta busca acompanhar esse ritmo. Em nossa pesquisa, encontramos esse ramo registrado como comércio de alimentos. Com nomenclaturas distintas (minimercados, supermercados, mercearias e armazéns varejistas), há cerca de 250 do total dos 2.172 estabelecimentos comerciais, em 2010. São registrados como supermercados cerca de 21. Até 1995 apareciam apenas três registros, são trinta minimercados e, entre mercearias e/ou armazéns, no total 199 estabelecimentos. Desses últimos, 48,24% estão fora do Centro da cidade, mas representando uma fatia pequena da dinâmica dos bairros, pois fazemos constar dentro desses, inúmeros botecos que vendem de tudo.

Não estando contabilizados nesse quadro, o comércio varejista de doces em geral e produtos de padaria, ramo que se apresenta com grande crescimento em 1999. Hoje, são cerca de oitenta estabelecimentos registrados, dos quais dezenove estão nos bairros. Quanto aos frigoríficos, são 43 registrados, já o comércio varejista especificado como de bebidas e de cigarros aparecem com 58 registros.

Retomando a questão da escolha dos supermercados por outros territórios fora da Região Metropolitana de Fortaleza, pode ter ocorrido por duas razões básicas: a) A chegada de grandes supermercados pertencentes ao circuito mais moderno, tais como Carrefour, Extra, Macro e a expansão territorial da rede Pão de Açúcar, que avança no espaço da Capital; b) A existência de um vasto mercado consumidor, nas cidades médias, formado principalmente por migrantes vindos de outras regiões do país ou da Capital, com poder e hábitos de consumos não supridos plenamente pelos supermercados locais.

Esses migrantes são profissionais que, em grande parte, estão inseridos no nascente circuito superior marginal emergente e/ou no circuito superior marginal residual da cidade, haja vista a chegada desses supermercados não ocorrer isoladamente. Ao lado deles, assiste-se à entrada de serviços mais especializados, a exemplo dos serviços jurídicos, de contabilidade, auditoria, consultoria

empresarial, serviços técnicos de engenharia e arquitetura, publicidade e propaganda, clínicas médicas, consultórios odontológicos e lavanderia.

A chegada dos mesmos a Sobral não têm provocado o fechamento dos supermercados existentes, a exemplo do *Alan Supermercado* e *Supermercado Rainha*. Os dois supermercados vindos de Fortaleza: *Super Lagoa* e o *Pinheiro Supermercado*, até então tinham uma tradição comercial em Fortaleza, encontraram em cidades como Sobral, Juazeiro do Norte, Quixadá, as possibilidades de driblarem os fortes concorrentes, pois, ao menos por enquanto, as grandes redes se contentam com o mercado consumidor da Capital, ao contrário do que acontece em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, onde espalham-se pelo interior dos respectivos estados.

Saindo da esfera dos centros comerciais, que estão buscando novos territórios, encontramos as vendas ligadas aos artigos médicos, ortopédicos e de medicamentos, acompanhando o compasso das clínicas que chegam à cidade. Também têm chegado lojas de acessórios e material de comunicação, lojas de móveis e tapeçaria. Multiplicam-se pelo espaço urbano ainda os estabelecimentos de material de construção em geral, com destaque para: ferragens, metalurgia, madeira e artefatos, comércio de concreto usinado e pré-misturado, que são entregues nas obras de construção, com emprego de tecnologia, todas elas acompanhando o ritmo rápido das construções.

As farmácias, que até 1995 apresentam apenas 13 registros, têm hoje 57 no total, onze dessas estão nos bairros além-centro. Os artigos de perfumaria e cosméticos apresentam papel de destaque: são 43 estabelecimentos, todos registrados depois de 1998, estando distribuídos de forma também dispersa pelo território.

Quanto ao comércio mais tradicional, chama atenção as lojas de departamentos, variedade, magazines, comércio de tecidos, artigos de armarinho, vestuário, cama-mesa-banho. Em 1999, o ano de maior aumento de registro, contabilizaram-se 20.39% do comércio registrado. Do total de registros, 15,80% estão nos bairros além-centro.

As chamadas “bodegas”, se mantendo entre o mito da “legalidade e ilegalidade”, resistem às modernizações. Elas funcionam historicamente nos bairros mais afastados do centro, zelam pelo *fiado* anotado em um caderneta, a mercadoria pode ser vendida a “retalho”, empacotados no tradicional papel embrulho e pesados nas velhas balanças; não tem caixa registradora e com direito a uma conversa animada junto ao balcão, fazendo lembrar o período popular da História no tempo dos homens pobres e lentos. (SANTOS, 1996).

Esses estabelecimentos são também pontos de referências dos bairros mais antigos. Visitamos três que ficam próximos aos maiores supermercados. São emblemáticas a bodega do seu “Zé Maria”, no bairro Campos dos Velhos, e a bodega do “Chico Caburé”, no bairro Pedrinhas limite do bairro do Derby. Ambas em funcionamento há mais de trinta anos, os clientes recorrem a elas em qualquer necessidade, mantendo um cotidiano de personalidade. No Bairro do

Junco, encontramos a “bodega do Zé da Rita”, em funcionamento há quase vinte anos.

Formam essas bodegas verdadeiras rugosidades coexistindo com os empreendimentos modernos, quando recorremos aos circuitos da economia urbana. Coexistência que vai ajudando a moldar os subnúcleos das áreas próximas ao centros comerciais, em que atividades de portes distintos se encontram nas avenidas de maior circulação que ligam o centro aos bairros mais distantes.

Além das avenidas onde estão localizados esses empreendimentos, outros espaços congregam serviços privados e equipamentos públicos de relevância no perímetro urbano que reforça a valorização da terra urbana, com os seguintes destaques. Na zona Norte, principais áreas de expansão da cidade: A Crede 06, Corpo de Bombeiros, Aeroporto Virgílio Távora, Ginásio Poli esportivo, Detran, Dert, Ibama, FNS; na zona Sul: Dner, Embrapa, Presídio, Clube BNB; na zona Oeste: Chesf e Coelce.

Esses serviços têm ajudado no tímido processo de descentralização do Centro, mas rumo aos espaços seletivos definidos pelos interesses privados e pelas ações de disciplinamento da gestão pública. Em termos percentuais, em 1996, cerca de 92% dos serviços registrados estavam no Centro da cidade e apenas 8% nos bairros além-trilhos. O Centro aparece abrigando 70,61% dos serviços, uma mudança considerável. Os bairros, que se destacam com novos usos de serviços, seguem a mesma lógica do comércio, Junco, Campos dos Velhos e Sinhá Sabóia.

A convivência dos circuitos da economia urbana, na cidade de Sobral, demonstra que o cotidiano ainda não se organiza em função dos centros comerciais mais modernos. Muito embora a paisagem mude quando eles baixam as portas, não fecham os olhos das pessoas como nas grandes cidades, onde os supermercados garantem a vida quando estão aberto e a morte quando estão fechados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do espaço urbano de Sobral pensado e efetivado pelo prefeito Cid Gomes em duas gestões seguidas (1997/2000-2001/2004), foi assegurado pelo forte discurso de modernização, com maciços investimentos em infra-estrutura e realocação de alguns serviços públicos, que garantissem sucesso nas novas territorializações dos investidores privados. Assim vem ocorrendo um aumento da fluidez, com crescente surgimento de modernos e diferentes tipos de empreendimentos em outros bairros além Centro.

No entanto revela-se uma seletividade de uso da cidade, não resultante do debate com a sociedade civil, através dos espaços de discussão do PDDU, do orçamento participativo, conselhos municipais, associações de moradores, entre outros, mas pelo velado interesse de valorização de novas áreas, pela forma de

pensar a cidade pelo viés de desenvolvimento repaginado às avessas, pela constante busca de resultados de "progressos" imediatos.

Assim, através da cartografia dos dois circuitos da economia urbana, percebemos algumas das conseqüências dessa seletividade de uso. Os supermercados que se modernizam ou que compõem um dos novos investimentos que têm buscado Sobral, estão procurando os pontos de saída da cidade, ajudando a agregar valor aos terrenos localizados em áreas de especulação imobiliária a exemplo do Bairro do Junco, Campos dos Velhos e Derby.

Nas proximidades desses novos empreendimentos, pertencentes ao circuito superior da economia da cidade, aparece com muita força o circuito inferior que até então estava muito concentrado através do trabalhador ambulante e flutuante no Centro da cidade.

O grande investimento industrial por meio das fábricas de calçado que compõe a empresa Grendene ajudou também no processo de surgimento de algumas atividades econômicas além-centro, rumo ao bairro da Expectativa e Alto da Brasília, merecendo destaque o circuito inferior que ocupa as ruas nas adjacências das portas das fábricas e também no interior das residências.

Os serviços públicos, ao sair do Centro, têm buscado quase sempre os mesmos bairros que os supermercados, numa clara evidência de sintonia entre o Poder Público e os novos investidores; os bairros mais distantes, que aparecem na cartografia com um tímido aumento das atividades econômicas, são quase sempre através de pequenos comércios que tiveram sua situação regularizada junto ao fisco, depois que a gestão municipal se lançou num esforço espantoso em busca da regularização de todas as atividades para um aumento da arrecadação municipal.

A área tombada como patrimônio histórico nacional do Bairro Centro, tem abrigado diversos tipos de serviços e de comércios com aparência mais sofisticada, mas nas ruas transversais apertadas, encontramos também a presença do circuito inferior, com as pequenas oficinas de prestação de serviços de consertos. Na parte mais dinâmica no interior do Centro, território das finanças em suas ruas principais, nos deparamos com o comércio mais tradicional e a forte presença do circuito inferior que na sua própria essência apresenta diferenças gritantes, inclusive no que consiste ao uso do espaço da rua muitas vezes utilizada como "antena do circuito superior".

Mas Sobral tem atraído não apenas novos investimentos, mas pessoas em busca de trabalho, outras à caça de maiores alternativas de consumo, num vaivém diário, e tantas outras para se fixar no espaço urbano da maior cidade do Norte cearense, em busca de melhores condições de vida, muitas delas se juntando aos novos pobres produzidos no interior da cidade.

Dentro desse contexto, entendemos que pensar Sobral em meio as práticas espaciais seletivas, não poderia perder de vista a cidade como totalidade, pois a cidade não pode ser pensada como eco do global, para tanto elaboramos a leitura

dos contextos das singularidades dos lugares na cidade. A idéia da cidade contendo lugares, animada por eles, portanto uma totalidade dentro de outras duas totalidades, a formação socioespacial e sua relação com o mundo.

A elaboração e o preenchimento da matriz de periodização foram essenciais para a construção de nossa análise. Percebemos que a gestão municipal de Sobral ao projetar a cidade a todo momento como território das modernizações, as tensões se espalharam. Pois mesmo que os gestores públicos preparem enquanto força local o território com um amplo sistema de engenharia reclamado pelos agentes distantes, há o “grito do território” (Souza, 2003) manifestado, sobretudo, pelas desigualdades que vão sendo geradas nesses espaços.

Foi no campo das tensões de modernização/ordem antiga que identificamos os novos tipos de conflitos e as possibilidades de debates essenciais para entender e pensar os processos de transformações em curso. No caso específico de Sobral, identificamos muitos lugares e diversas formas de sobrevivência, de onde pode emergir outros sujeitos com pensamentos mais voltados para um processo de transformação social solidário e emancipador. “O que importa agora é preservar o papel das cidades locais, sem todavia consagrar e conservar disparidades, e integrar essas cidades em um mecanismo de crescimento que seja geral e não seletivo”. (SANTOS, 2005. p. 92)

Enfim, pela discussão travada em nossa tese, reafirmamos a importância dos estudos dos dois circuitos da economia urbana, como pistas importantes no processo de discussão da realidade dos territórios selecionados como luminosos, são nas suas frestas que identificamos o “grito do território” e o papel dos lugares nas regiões pobres no mundo globalizado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, capital e industrialização do Nordeste**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

CASTRO, Iná E. de. **O Mito da Necessidade** - Discurso e Prática do Regionalismo Nordeste. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

DWECK, Ruth Helena. **Mapeamento institucional dos Serviços Públicos no Rio de Janeiro**. In: III Seminário: Perspectivas e Cenários da Economia Fluminense, 2000. Rio de Janeiro. Boletim de Economia Fluminense. 2000.

GAUDIN, T. **L' écoute des silences, les institutions contre l' innovation?** Paris: Union Générale des éditions, 1978.

PERROUX. F. **L' économie du XXème siècle**. Paris : Presses Universitaires de France, 1961.

ROCHA, Herbert. **O Lado esquerdo do Rio**. São Paulo. Hucitec. 2003,

SANTOS, Milton. **Lês Villes du Tiers Monde**. Paris: Ed. Genin-Lib. Techniques, 1973.

\_\_\_\_\_. **A urbanização desigual**. A especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª Edição.1982.

\_\_\_\_\_. **O retorno do território**. In SILVEIRA, Maria Laura. de et al. (orgs.) TERRITÓRIO globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec, 3ª Edição. 1996.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SILVEIRA, Maria Laura. **Um País, Uma Região: fim de século e modernidades na Argentina**. São Paulo: FAPESP. 1999.

A Região e a Invenção da Viabilidade do Território. In: SOUZA, M. A. de. (org.) **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 534-547.

**Por um conteúdo da reflexão epistemológica da Geografia**. In SOUZA, Álvaro José de. et al. (orgs.) Paisagem Território Região em Busca da Identidade, Cascavél-Paraná. AGB/Bauru. Editora gráfica Universitária EDUNIOESTE, 2000.

**São Paulo: Os dinamismos da Pobreza**. In Carlos, Ana Fani; Oliveira Arioaldo U. (Org.). As geografias de São Paulo. 1ª Edição. São Paulo: Editora Contexto. 2004, v. 1, p. 59-71

SOUZA, Maria Adélia A. **Teoria e metodologia em geografia urbana**. Mesa Redonda. AGB. Borrador n.º 1. 04 de Abril de 1982.

(Org.). **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições territorial, 2004.  
**Documentos, Pesquisas e Jornais**

IBGE- Anuário estatístico do Brasil – 2004.

Jornal O Noroeste 15/02/2007

Contato com o autor: virginiaholand@hotmail.com

Recebido em: 14/12/2013

Aprovado em: 14/01/2014